

# O CREPUSCULO

DIRECÇÃO DE UMA ASSOCIAÇÃO

ORGÃO LITTERARIO

Anno I

Publicação semanal

Num. 9

Assignat. por mez 500 rs.

Desterro—Segunda-feira de 20 Junho de 1887

Pagamento adiantado

## AVISO

Toda e qualquer correspondencia pode ser dirigida á rua de João Pinto n. 45.

Começamos d'hoje em diante a cobrar as assignaturas do presente mez.

## À Escola

(Conclusão)

Ao principio entrava pelas portas, depois chegou a entrar pelos telhados.

Progreddio de tal modo, que na idade em que se recebia na igreja a primeira communhão elle sabia no tribunal a primeira sentença.

Seis annos de cadeia; uma formatura em ladroagem. Quando entrou levava uma gazua, quando sahio trouxe uma navalha. Foi rapazola e veio tigre. A cadeia engolio um assassino. Aperfeicou-o no roubo e leccionou-o na facada.

D'ahi em diante distribuo o seu tempo deste modo: tres annos nas galés e tres na taverna.

Um assassino sahe muitas vezes de uma garrafa. O vinho propriedade tenebrosa!... combina-se com o sangue.

A' bebedeira seguiu-se a indigencia a indigencia o delirium tremens.

N'aquelle cerebro de perversidade passou um terremoto de loucura.

Por fim olli tendes. E amanha, a estas horas, quem sabe! estará talvez n'uma guilhotina, dentro

de uma cova ou no fundo de um rio!... O cutello, a miseria e o suicidio disputão-se entre si; tres abutres a espera de um cadaver.

Philantropos socias, respondi-me a isto; As vossas estatisticas dizem; a instrucção diminue a perversão quer dizer, o alfabeto diminua o crime. O crime é uma doença da alma, como uma pneumonia é uma doença dos pulmões.

Para a doença ha um remedio, e para o envenenamento ha um antidoto.

Como se deita abaixo uma cadeia? Acotovelando-a com uma escola. O professor hade eliminar o carcereiro.

A luz absorve os miasmas dos espiritos, como os arvoredos os miasmas dos pantanos.

No homem ha duas cousas—o instincto que é um cego, e a consciencia que é um pharol. As consciencias são as sentinellas do instincto. A razão é o domador dos appetites.

Como se faz a separação? illuminando as ruas? não, illuminando os cerebros. As casas illuminão-se por dentro. A grilheta castiga os assassinos, mas, não ressuscita os assassinados. Não indemnisa vinga.

Ora, muito bem, senhores economistas philantropos.

Se as vossas estatisticas, com a exactidão precisa de um thermometro, vos declarão que a instrucção faz abaixar a criminalidade de cincoenta, quarenta, vinte por cento que seja; se elles vos afirmam repito, essa verdade indiscutivel respondi-me claramente, honradamente á pergunta que vosfaço:—Dentro de uma cadeia ha cem analfabetos,

Se a sociedade os tivesse animado a soletrar, esses crimes ficarião reduzidos a oitenta.

Quem é, pois, responsavel pelos outros vinte? A sociedade.

Se não admittis a conclusão, rasgai as estatisticas; se a admittis, como creio, fareis o seguinte:

Ha um jury instituido para julgar um assassino analfabeto. A sentença deve ser esta:

Considerando que as fêras não podem andar em liberdade pelas ruas:

Considerando que a ignorancia do assassino concorreu para o assassinato:

Considerando que a miseria do criminoso foi um dos incentivos para o crime:

Condemnamos o monstro a ser mettido n'uma jaula:

Condenamos o ignorante a ser mettido n'uma officina.

E condemnamos o vadio a ser mettido n'uma escola:

Dê-mhe uma cadeia, um alfabeto e uma ferramenta.

Mas considerando que, se a sociedade tivesse fornecido um « a b c » ao ignorante, e um officio ao mendigo, a somma da ignorancia com a miseria não produziria este rezultado—o crime:

Considerando que a sociedade foi a causa, e que o bandido foi o effeito:

Condemnamos a sociedade a que dê instrucção a todas as crianças, e dê trabalho a todos os famintos., applicando-se mais a evitar os assassinos.

GUERRA JUNQUEIRO



**Historia de um anjo**

À Sra. D. Vicentina Faria

**I**

Fazem hoje, Senhora, 11 annos que Deus precisando se um anjo para completar o seu cortejo celeste estendeu lá das alturas do infinito seu olhar santo e piedoso, por sobre os prados montes e campinas e de repente seus olhos bons e amorosos, pairaram sobre um humilde lar aonde dormitava um anjo loiro... loiro como um líozinho que acaba de nascer. Esse anjo estava risonho como a luz ridente da aurora, que perpassa por entre as folhas de um rosal em flôr, e assim ficou por longo tempo, até que chegasse finalmente a hora em que a noite estende a constellada veste. Essa hora de paz e melodia em que as creanças, as aves e as flores sonham alegremente o sonho côr de rosa das estrellas.

As creanças--nos beinditos berços,—as flores—nos orvalhados prados—e as aves nos verdejantes bosques.

Era chegada a hora em que Deus tinha de bater a porta desse humilde lar aonde seus olhos tinham-se embrenhados.

— A porta abriu-se e elle entrando religiosamente, dirigio-se ao berço aonde estava o anjo que carinhosamente procurava, e beijando-lhe as alvas faces, coôu-lhe a fronte com brancas rosas e tomando-lhe as delicadas mãos crusou-as sobre o peito—como uma Santa e ficou sorrindo para elle.

**II**

Depois, quando a aurora vinha a rir, a rir... pelo espaço a fóra disse-lhe: a terra é pouca filha, para habitares, toma essas azas—voamos!

E quando passavam por sobre os prados, os bosques e as campinas verdejantes, cantavam melancolicamente as aves e as flores suas irmãs predilectas, essa canção de gloria

**AS AVES**

Uma flôr levando flores.  
Nos ares se foi perder...  
Deixando as brizas da terra,  
Para no céu ir viver!...

**CÔRO DAS FLORES**

— Era um anjinho dos céos!  
Abrindo as azas, vôou...  
Ainda puro e tam bello  
Como o Senhor o enviou!...

**AS AVES**

Tu fugiste, ó flor mimosa,  
Não quizeste aqui florir...  
— Tiveste talvez receio  
De murchar, no pó cahir?!

**CÔRO DAS FLORES**

Tinhas apenas tres annos  
Quando d'entre nos voaste...  
—Ai, sendo por Deus chamada,  
A tua patria voltaste!...

**AS AVES**

Oh! filha do alto céu,  
Porquê de nós te auzentaste,  
Levando contigo flores...  
E tua raiz deixaste?!

**CÔRO DAS FLORES**

Eras meiga, eras linda,  
Não quizeste aqui sorrir...  
Deixaste a raiz sem vida  
E foste no céu florir!..

**AS AVES**

E lá na mansão dos anjos  
Occupas santo lugar!  
E tua mãe cá na terra  
Só por ti vive a chorar...

**CÔRO DAS FLORES**

Feliz sejas lá no céu,  
Já que aqui não ponde ser,  
— Que da terra te abençôa  
Quem por ti vive a soffrer!..

**III**

E ao som dessa canção, melódica e triste chegaram aos para-mos da Luz, aonde a muitos annos vivem.

Esse anjo, Senhora, de quem vós fallo, essa flor que Deus contem em seu Sacrario em um vaso—crystalino, essa luz que ha 11 annos apagou-se para vós,—é vossa predilecta filha, senhora, é uma parte de vossa vida, metade

de vossa alma, que rufando nas pequeninas azas brancas vôou... vôou, para as alturas em busca do ninho das estrellas, aonde a existencia é sagrada sobre as immaculadas azas de Deus.

TIMOTHEO MAIA

Maio, 28, 87.

**Jurity****II****COMO NASCE O AMOR**

— Mentos, Jurity. Ha muitos dias que tenho notado a mudança extraordinaria que tens tido. Outr'ora eras uma menina, alegre e contente. Ainda recordo-me quando tu acompanhavas á tua mãe a apascentar as ovelhas no monte.

Olha, trajavas um vestidinho exarlate que ficava-te as mil maravilhas... corrias cantando atraz das ovelhazinhas e soltavas chorando quando tua mãe ralhava-te.

Lembras-te e teus saudade desse tempo?

— Oh! si me lembro, minha querida e beinfeitora mestra!

Quantas vezes eu vejo em sonhos meu pai tratando de sua hortalliça e minha bôa mãe apascentando seus rebanhos no monte! Eu era feliz e dictosa...

— Porque?

— Porque não tinha a menor lembrança do passado, discuidosa passava o presente e não lembrava-me do futuro. Hoje não è o o mesmo; vejo que meus pais estão velhos e aquebrados pelas fadigas quotidianas.. q' alvas cãs cobrem a fronte de minha mes ra e beinfeitora, e que se todos faltarem-me, o que será de mim?.. trabalhar... trabalhar até os ultimos momentos e porfim morrer na enxerga d'um hospital.....

— Sim teus razão, mas o motivo de tua melancholia não è esse, proque tenho notado que muitas vezes estás brincando com Isolphrino, derepente separaram-se elle vai triste para seu quarto, e tu choras.



O que significa isso Jurity?  
falla-me a verdade—Amas?...

ERNESTO PIRES  
Nestore Sirpe

(Ernaulisch)

## Uma descrição

Corpus Christi em Sto. Antonio

### I

Amanhã estava esplendida.  
Milhares de estrellas rutilantes, matisavam o azul diaphano do Firmamento.

Eram 4 1/2 horas da manhã quando moutei á cavallo para ir a pitoresca e poetica Freguezia de N. S. das Necessidades de Santo Antonio a onde ia celebrar-se á festa de «Corpus Christi».

Apenas cheguei á Freguezia, dirigi-me ao Templo do Creador do Universo, e fiquei atonito por ver a sua de coração.

Não via-se allí o brilhar do ouro e nem o scintillar dos brilhantes, mas sim, a magnificencia da simplicidade que por tudo e em tudo tem a primasia ante o luxo.

Eis como estava preparado o templo:

No Altar-Mór, viam-se innumerables vasos com flores artificiaes mas de uma belleza rara. Ramos das mesmas flores, formavam como que um caminho até ao cimo do mesmo altar a onde occulto por uma cortina prateada estava o SS Sacramento.

A esquerda e á direita do mesmo, duas alvas columnas entrelaçadas com rubras folhas e mimosas flores.

Ainda dous outros altares que revalisavam em belleza asseio e simetria ao primeiro.

Das janellas que circulam a Igreja estavam pendentes cortinas de damasco e de seda.

Depois de contemplan por largo tempo á decoração do Templo, que mal e simplesmente aqui deixo esboçado, sahi a procura de um parente e de uma hospedaria.

Ainda não tinha decorrido

uma hora que eu sobira do Templo, quando ouvio-se á voz sonora e lugubre do sino, chamando as fieis e os perfidos a oração.

Fui talvez um dois primeiros a entrar. Ajoelheime, e depois de uma breve oração levantei-me.

E P.

(Continúa)

## O amor

O amor é ferida que dóe  
e não se sente.

(...)

O amor é um fogo, que nos cueima o peito sem que sintamos.

E' sempre acompanhado, ou da desgraça, o da felicidade.

Quando o acompanha a desgraça, a creatura, em cujo coração elle penetra, fica toda mudada: se a côr de seu semblante é rosada, como as franjas da aurora, transforma-se então em côr triste, lymphatica, como a luz crepuscular.

Mas, quando vem abraçado com a felicidade, o aspecto da creatura que delle goza, reanima-se, e, um sorriso alegre, alabastrino, como as ondas, em dia de calmaria, vem, de quando em vez, echoar-se-lhe nos labios, formando contrastes poeticos, encantadores!

Tudo é bello, tudo, quando dentro em nós reina a alegria.

No coração feminil, o unico amor que eu considero puro, desinteressado, é o amor de mãe!

Quanto áquelle, que outr'ora habitara nos corações de Romeu e Julieta, hoje já não existe: o amor de hoje é uma chimera, uma mystificação!

Eu nunca amei, e julgo-me por isso feliz.

Em qualquer parte que eu pare, sinto na frente o terno beifejo da liberdade: que em meu peito não repousa, nem jámais repousará amor, por nenhuma dessas viboras insanas e pretenciosas, que abundam por todo o mundo!

Desgraçado aquelle, que deixa-se render, por suas graças;

porque mais tarde será compensado com o desprezo.

Por isso, enquanto jovens, devemos amar sómente nossa familia, nossos amigos e nunca a essas perjuras, que nos enchem o futuro de tenebrosas nuvens, de um cahos horrendo!

O unico amor repito que é digno de apreciação, é aquelle que germina no coração das mães, porque é inspirado por Maria, Mãe de nosso Redemptor!...

Logo, o amor é um fogo divino mas também satânico!!!

PEDRO GOUBEL.

Junho—1887.

## Noites Amenas

Ao Sr. Alfredo Caldas

### I

Era em Abril!

O luar dispostava mansamente, fulgurando os verdejantes campos e nos bordando a frente.

A noite era alegre, era carinhosa e encantadora.

O céu, iuda luminoso pelos vehementes raios do ardente sol, que diariamente nos traz uma luz clara, era como um opulento silvedo, aonde existe flores radiantes e esplendidas.

O mar, como talvez o grande deserto do Sahara, ou como o da Lybia, era mudo, sereno, verdadeiramente resplandecente.

O vento, frio como as regiões Antarticas, passava vagarosamente.

O calor era abrasador e ardente!

Os corvos, em bando atravessavam o espaço e dirigiam-se para as longiquas e amedrontadas mattas, onde pernoitaram.

Os cachorros ladravam pelas ruas e os gatos em cima das casas miavam, alguns gallos então cantavam.

O luar ia além e a noite também.

E eu? — Eu achava-me nesta noite no Matto-Grosso, de visita, n'uma casa onde pernoitei. Ah!



pode então tranquillamente apreciar o quanto um luar é poetico, o quanto uma noite é magnifica!

## II

Ainda era cêdo, podiam ser 7<sup>1/2</sup> horas, quando ouvi um daquelles passaros que chamamos:—*quero-quero* poisado nos galhos d'um capado *chorão*, que cobria uma fonte sadia, cuja agua era doce e crystallina, soltar uns cantos sem graça e sem harmonia!

Paz-me então, desde que o vi attento para com seo canto.

Elle cantava continuamente.

E eu, suppondo que elle se assustasse, soltei um *bum*: Com effeito me foi satisfeito o desejo, elle assustou-se e voou cantando.

Até então era elle uma alegria para mim, mas depois que voou para talvez nunca mais vel-o senti-me abatido pela sanguinea fortidão calorica, pelos organismos ardentes que possue a *atmosphera*.

Dirigi-me então, a fonte, e d'ella tirei n'uma vazilha raze, um pouco da *crystallisada* agua e bebi alegremente, provando seo doce sabor que bom gosto me dêra ao paladar.

Perto áquelle, existe um pequeno rio contendo numerosos *sapos*, que estavam como vemos todos os dias no ensaio *musical* de seus cantos *maviosos*.

Após longo tempo de eu os fitar, dirigi-me a casa onde me serviu de repouso durante aquella noite esplendida.

O luar ia além e a noite também; o luar ocultou-se e a noite revigorou-se, ficou—*Dia*!

SABBAS COSTA

Desterro,—15—6—87

## NOTICIARIO

Partiu para o Sul, no dia 16 do corrente, o nosso particular amigo o Sr. 2º cadete Juvenal A. Fernandes, a quem desejamos felicidades pela carreira que abraçou.

Acha-se entre nós vindo de

Montevideo no couraçado *Bahia* o dignissimo Sr. 2º tenente Raul Auto Fernandes.

Comprimntamo-lo.

Recebemos o "Echo Lagenense," Agradecemos e continuaremos a troca.

## ECHOS DE TODA A PARTE

Conversa entre um respeitavel policial e um cidadão italiano,

que á meia noite estava encostado á esquina do theatro S. Pedro:

— Olá amigo, que faz ahí?

— *Sono qui per aspetare Luigi.*

— Para *aspetar* o Luiz! Não espeta, não, mas é o mesmo. Siga para a estação.

E juntou o gesto ás palavras.

— *Dunque num volete m'ascoltare?*

— Qual *duque*? quem o ha de escoltar hei de ser eu mesmo.

— *Per Dio Santo!*

— Não faz mal, se perdesto o santo póde dar a senha na estação.

## Logogrifho (por letras)

Aos Mestres

E's formosa Dometilla,  
E's qual noite de luar,—16, 12, 6, 17.8.  
E's estrella que scintilla  
Em risonho imaginar.. 10, 9, 15, 3.

E's a luz da minha vida,  
Planeta resplandecente, 19, 16, 13  
E's de meu peito querida 8, 6, 4, 18, 19, 8,  
Casta virgem innocente! 1, 2, 11, 14, 5, 6, 7, 13.

E's qual linda madrugada 10, 16, 3, 15, 3, 8.  
E's quem me faz padecer, 19, 18, 10.  
Em fim, mulher adorada, 9, 13, 3, 5, 8.  
E' por ti que hei de morrer! 9, 10, 18.

## CONCEITO

Menina tu és formosa,  
Com'o raiar d'aurora,  
E tua bocca qual rosa,  
Faz-me lembrar outr'ora  
Quando contigo brincava,  
E com ardor te beijava.

RODOLPHO GOUDEL.

Desterro,—16—6—87.

## Logogrifho

Lá na Hespanha floresce 5, 10, 1, 4, 9.  
Sob a guarda do propheta 2, 3, 4, 6, 9.  
Que co'o laço traiçoeiro 5, 4, 3, 10, 7, 6.  
Priva-nos da luz do planeta... 5, 6, 1, 8, 10.

Hoje, na humanidade,  
Encontrar-me é raridade.

P. G.

Typ de J. J. Lopes, rua da Trindade n. 2